

Pedido plano contra a hiperinflação

RIO
AGÊNCIA ESTADO

Economistas de diversas tendências, bem como empresários, foram unânimes ontem em admitir o risco de uma hiperinflação no Brasil caso não haja nenhuma medida governamental para conter o ritmo de crescimento dos preços. Durante o Seminário sobre a Dívida Externa, realizado ontem no Rio, o ex-presidente do Banco Central e economista André Lara Rezende advertiu que "as altas taxas nominais de juros não podem ser reduzidas agora, sob o risco de causar uma hiperinflação. É preciso combater a inflação em si".

Lara Rezende, que participou como ouvinte do seminário promovido pela PUC-Rio, Associação Bra-

sileira de Imprensa e governo do Estado do Rio, disse que as altas taxas de juros representam hoje uma garantia contra a hiperinflação. Segundo ele, na medida em que a hiperinflação representa a absoluta falta de credibilidade na moeda, quando as pessoas passam a comprar tudo o que podem para evitar sua rápida desvalorização, o fenômeno ainda não acontece no Brasil. Entre outros motivos, porque os juros acompanham o ritmo de crescimento dos preços, garantindo as poupanças das famílias e outros ativos financeiros contra a corrosão inflacionária. Mas ele admitiu que "o ritmo de inflação de mais de 20% mensais não pode ser sustentado por muito tempo".

Segundo Edmar Bacha, outro participante, a inflação poderá sal-

tar facilmente dos 20% ao mês para 50% ao mês. E o economista João Paulo de Almeida Magalhães, da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, teme uma hiperinflação, se não vier um novo choque, a partir do nível de mil por cento ao ano. "Já estamos perto disso", acentuou. Também o empresário Amaury Temporal, presidente da Confederação das Associações Comerciais, manifestou preocupação nesse sentido, assinalando a necessidade de novo congelamento, mesmo que parcial.

O único que ainda fala em inflação de 200% ao ano é o secretário de Tesouro, Andrea Calabi. Segundo ele, esta é a condição para que o déficit público este ano fique ao nível de 2,5% a 3,5% do PIB, considerando, ainda, uma inflação média durante o ano de 160%.